

Sinais de corte de juros animam os mercados

Dólar fechou em baixa de 1,56%, a R\$ 2,467, e o risco Brasil também caiu

SERGIO LAMUCCI
e ANDRÉ PALHANO

O mercado teve ontem um dia muito positivo, embalado por declarações do ministro Pedro Malan e do diretor de Política Econômica do Banco Central (BC), Ilan Goldfajn, sugerindo – na visão dos investidores – que o Comitê de Política Monetária (Copom) poderá cortar a taxa Selic na reunião da semana que vem. As projeções de juros recuaram com força e o dólar fechou em baixa de 1,56%, cotado a R\$ 2,467. O risco país caiu de 921 para 905 pontos (9,05 pontos percentuais acima dos títulos do Tesouro americano).

Em entrevista à *Rádio Jovem Pan*, Malan disse que “a trajetória dos juros é declinante”, acrescentando que o BC analisa a tendência da inflação não apenas no ano em curso, mas num prazo de 18 a 24 meses. Goldfajn, por sua vez, disse ao jornal *Valor Econômico* que a desaceleração da economia registrada em março “não foi um ponto fora da curva”, e relativizou o impacto da recente alta do dólar sobre o inflação. Na segunda, o presidente do BC, Armínio Fraga, havia afirmado que, se os índices de preços recuarem e ficar clara a desaceleração da economia, os juros poderão cair, mas não dissera que os indicadores confirmavam essas hipóteses.

A combinação das duas declarações levou parte do mercado a acreditar que a trajetória de queda da Selic poderá ser retomada



na semana que vem. Nesse cenário, a taxa dos contratos futuros de DI para abril de 2003, um dos mais negociados, recuou de 19,96% para 19,57% ao ano.

O ex-presidente do BC Affonso Celso Pastore também teve uma percepção parecida com a de muitos investidores. “Ao ver a entrevista do Armínio na segunda, achei que não havia espaço para a redução dos juros. Na entrevista de Goldfajn, eu tive a impressão de que ele está dizendo que a autoridade monetária vai baixar as taxas de juros.” Pastore se esquivou, no entanto, de apostar se o Copom vai baixar a

Selic na semana que vem. “Eu, sinceramente, não sei o que vai acontecer. Estou curioso.”

O diretor de Tesouraria do Lloyds TSB, Pedro Thomazoni, disse que a perspectiva de um corte dos juros animou o mercado,

que aproveitou a trégua para dar continuidade ao movimento de correção de preços iniciado na terça-feira. As tesourarias de bancos, por exemplo, seguiram vendendo

dólares para embolsar os ganhos recentes, segundo ele. Thomazoni destacou ainda que o cenário eleitoral, na visão do mercado, não deve piorar, embora não seja dos mais animadores. Ele acha di-

fícil Luiz Inácio Lula da Silva subir mais nas pesquisas, e entende que o desempenho de José Serra é razoável. Além disso, o anúncio no começo da semana dos cortes no Orçamento, para compensar o atraso na votação da emenda da CPMF, foi bem recebido.

O diretor de Investimentos da Crédit Lyonnais Asset Management, Carlos Eduardo Rocha, reconhece que as declarações de Goldfajn sugerem um corte dos juros, mas acredita que não há espaço para reduzir a Selic agora. “A inflação continua em níveis elevados, com o IPCA em alta de 7,98% em 12 meses”, afirmou ele, lembrando que o teto da meta deste ano é de 5,5%. Para Rocha, a alta do dólar ocorrida desde a última reunião do Copom, de R\$ 2,32 para R\$ 2,467, é outro obstáculo à redução da Selic.

TENDÊNCIA
DA INFLAÇÃO
AINDA
PREOCUPA